

SEMANA DO CONSAGRADO 2022

26 de janeiro a 2 de fevereiro

LECTIO DIVINA

26 de janeiro | Marcos 4, 1-20

Naquele tempo, Jesus começou a ensinar de novo à beira-mar. Veio reunir-se junto d'Ele tão grande multidão que teve de subir para um barco e sentar-se, enquanto a multidão ficava em terra, junto ao mar. Ensinou-lhes então muitas coisas em parábolas. E dizia-lhes no seu ensino: «Escutai: Saiu o semeador a semear. Enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho; vieram as aves e comeram-na. Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; logo brotou, porque a terra não era funda. Mas, quando o sol nasceu, queimou-se e, como não tinha raiz, secou. Outra parte caiu entre espinhos; os espinhos cresceram e sufocaram-na e não deu fruto. Outras sementes caíram em boa terra e começaram a dar fruto, que vingou e cresceu, produzindo trinta, sessenta e cem por um». E Jesus acrescentava: «Quem tem ouvidos para ouvir, oiça». Quando ficou só, os que O seguiam e os Doze começaram a interrogá-l'O acerca das parábolas. Jesus respondeu-lhes: «A vós foi dado a conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se lhes propõe em parábolas, para que, ao olhar, olhem e não vejam, ao ouvir, oiçam e não compreendam; senão, convertiam-se e seriam perdoados». Disse-lhes ainda: «Se não compreendeis esta parábola, como haveis de compreender as outras parábolas? O semeador semeia a palavra. Os que estão à beira do caminho, onde a palavra foi semeada, são aqueles que a ouvem, mas logo vem Satanás e tira a palavra semeada neles. Os que recebem a semente em terreno pedregoso são aqueles que, ao ouvirem a palavra, logo a recebem com alegria; mas não têm raiz em si próprios, são inconstantes, e, ao chegar a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, sucumbem imediatamente. Outros há que recebem a semente entre espinhos. Esses ouvem a palavra, mas os cuidados do mundo, a sedução das riquezas e todas as outras ambições entram neles e sufocam a palavra, que fica sem dar fruto. E os que receberam a palavra em boa terra são aqueles que ouvem a palavra, a aceitam e frutificam, dando trinta, sessenta ou cem por um».

Lectio: O que diz o texto

O Evangelho de Marcos situa-nos nas parábolas do reino.

Junta-se uma multidão para ouvir Jesus, que revela o quanto desperta curiosidade, ou desperta a sede interior do povo de palavras que façam sentido nas suas vidas. Jesus sobe para um barco para que todos O vejam, para que todos O possam ouvir. Jesus recorre muitas vezes a parábolas, que são histórias simples que remetem para uma conclusão, por vezes inesperada, da qual decorre um sentido, nem sempre imediato e por vezes surpreendente. Neste relato, e não é a única vez, os discípulos pedem a Jesus que clarifique o sentido da parábola proferida, para aceder à profundidade do seu ensinamento.

Numa primeira parte, Jesus, de forma gráfica, coloca-nos na presença de um semeador que lança a semente à terra com entusiasmo e esperança, com gestos generosos e amplos, mas logo a parábola nos desloca a atenção do semeador e da semente para o terreno e para o que acontece no

desenvolvimento do processo desde que cai a semente até ao momento da colheita. Na segunda parte, vem um diálogo de Jesus com os discípulos em torno da compreensão da parábola.

A semente identifica-se claramente com a Palavra, a imagem da colheita remete ao fim dos tempos e os diferentes tipos de terreno correspondem às reações aos ensinamentos de Jesus e dos discípulos.

Meditatio: O que me diz o texto

O texto convida-me a juntar-me à multidão que se aglomera para ver e escutar Jesus, para de seguida me colocar em relação com uma semente cuja qualidade é inquestionável e que tem em si um potencial de vida! O que vai marcar diferença é o tipo de terreno e a forma como ele permite que a semente se “agarre”, se transforme e cresça até dar fruto.

A forma como Jesus propõe esta parábola não me deixa indiferente perante a caracterização de cada tipo de terreno, obrigando-me a essa tomada de consciência da minha relação com a Palavra que diariamente é lançada ao seio da terra que eu sou, com uma promessa de vida que pode ser gerada em mim; de que forma acolho e me converto em terreno fértil para o processo de transformação até à colheita para que a semente dê fruto em abundância.

Duas palavras-chave encontram eco em mim: **complementaridade** e **compromisso**. Complementaridade, porque a semente sem o terreno não cumpre a sua função; e o terreno sem a semente é estéril! Compromisso, porque a terra pode ser melhorada e disso vai depender o fruto. A terra cavada, lavrada, revolvida, fertilizada, regada, garante as condições para a semente germinar. E se há muitos fatores que me escapam, que não dependem de mim, outros muito significativos dependem da minha iniciativa e perseverança.

Contemplatio: Que desafios de conversão?

Não tenha eu a ilusão de que a sementeira ou a colheita depende apenas de mim ou dos meus planos... mas também não me posso alhear do quanto é determinante a forma como desejo, acolho e vibro com a Palavra de Deus; como deixo que a Palavra se agarre a mim e me transforme em profunda união com ela! Que ela morra e me faça morrer com ela para dar lugar a vida nova e fecunda.

- Como cultivo a terra tirando as distrações, ultrapassando a minha fragilidade e as preocupações do quotidiano, cuidando com tempo, eliminando as ervas daninhas que me absorvem e me dispersam energias...
- como preparo e potencio a fecundidade da terra dispondo-me ao silêncio, que me faz ultrapassar a capa de superficialidade, e ao espanto paciente com a convicção e confiança de que a semente crescerá...
- como preparo a vida e o coração com atitudes, gestos, pensamentos que alimentem um ambiente propício aos valores do Reino; regando com leituras espirituais que me façam ultrapassar a inconstância que seca o entusiasmo e me ajudam a saborear e potenciar a ação do Espírito...

Desejemos a fecundidade, a fidelidade – no cultivo, no deixar irromper a vida nova no seio da terra que somos nós. E neste processo silencioso configuramo-nos com Cristo e assumimos os critérios do Reino!

27 de janeiro | Marcos 4, 21-25

Naquele tempo, disse Jesus à multidão: «**Quem traz uma lâmpada para a pôr debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Não se traz para ser posta no candelabro? Porque nada há escondido que não venha a descobrir-se, nem oculto que não apareça à luz do dia. Se alguém tem ouvidos para ouvir, oiça**». Disse-lhes também: «**Prestai atenção ao que ouvis: Com a medida com que medirdes vos será medido e ainda vos será acrescentado. Pois àquele que tem dar-se-lhe-á, mas àquele que não tem até o que tem lhe será tirado**».

LECTIO: Que diz o texto bíblico em si mesmo?

No Evangelho deste dia, Marcos apresenta-nos duas parábolas pronunciadas por Jesus: a da lâmpada e a da medida, com as quais alerta para a importância de os seus seguidores irradiarem a sua mensagem, de forma generosa e abundante, para aproveitar a quem a recebe e a quem a dá. A parábola da lâmpada põe em evidência a oposição que existe entre a luz e as trevas, isto é, entre a fé e a fecundidade, a fragilidade e esterilidade e acentua a necessidade de passar do acolhimento do dom à diligência em o colocar a serviço dos demais e a passar do sonho à realidade. O que recebe a luz, mas a esconde “debaixo do alqueire”, em vez de a colocar no “candelabro”, priva os outros e a si mesmo desse dom. O que se recebe e se partilha multiplica-se abundantemente.

MEDITATIO: Que nos diz o texto bíblico?

As parábolas da lâmpada e da medida também são, seguramente, a parábola da vida consagrada hoje que, de alguma forma, é luz na penumbra, é luminosa na obscuridade. Em muitas ocasiões acentua-se mais o claro-escuro e a penumbra da fragilidade, mas esta não deixa de ser luz que ilumina desde o candelabro da Igreja, onde é chamada a *manifestar os bens celestes, já presentes neste mundo; a ser testemunha da vida futura; a imitar e representar na Igreja a forma de vida que Jesus assumiu ao entrar no mundo para cumprir a vontade do Pai, e por Ele foi proposta aos discípulos que O seguiam; a manifestar, a primazia do reino de Deus sobre tudo o que é terreno; a revelar à humanidade que o Espírito Santo atua maravilhosamente na Igreja* (cf. LG 44).

Em plena comunhão com a Igreja, somos chamados a ser no mundo a luz que ilumina, especialmente através das nossas obras, que devem ter como preocupação os mais pobres e como horizonte Jesus e o seu Reino.

A diminuição do número de religiosos nas nossas instituições, as fragilidades e as contradições não nos podem levar a esconder a sua luz original debaixo do “alqueire”. Pelo contrário, no nosso caminhar quotidiano somos chamados a acolher a criatividade do Espírito, que nos chama incessantemente a renovar-nos, reinventar-nos e revitalizar-nos, dando frutos de bondade, justiça, verdade, vivendo e apontando para o que agrada ao Senhor, rejeitando as obras estéreis das trevas. Toda a nossa vida, critérios, valores e obras devem refletir a luz que nos foi dada no dia do nosso Batismo e da Consagração Religiosa, uma luz que não é para guardar no baú das nossas recordações, mas para ser irradiada à nossa volta.

Para isso precisamos da oração, pois é ela que, como diz o Papa Francisco, “nos mantém acesa a lâmpada do coração. Principalmente quando sentimos que o entusiasmo perde calor, a oração reacende-o, porque nos leva de volta a Deus, ao centro das coisas”.

ORATIO: Que dizemos nós ao Senhor como resposta à sua Palavra?

Respondemos à Palavra de Jesus no Evangelho com a oração que hoje nos oferece Samuel na primeira leitura:

«Quem sou eu, Senhor Deus, e quem é a minha casa, para me terdes feito chegar até aqui? Confirmai para sempre a promessa que fizestes ao vosso servo e à sua casa e fazei segundo a vossa palavra. Dignai-Vos abençoar a casa do vosso servo, para que ela permaneça sempre diante de Vós, porque Vós falastes, Senhor Deus, e é pela vossa bênção que a casa do vosso servo será abençoada para sempre» (2 Sam 18; 25; 29).

CONTEMPLATIO: Que conversão do coração e mente nos pede o Senhor?

Afastar toda a tentação de nos fecharmos em nós mesmos e acolher a medida de Deus, que quer multiplicar em nós os seus dons – *Não ter medo dos limites, das fronteiras, das periferias, porque é ali o Espírito nos fala. Coloquem-se dentro do alcance do Espírito Santo* (cf. Papa Francisco na 50.ª Semana da Vida Consagrada de Espanha).

28 de janeiro | Marcos 4, 26-34

Naquele tempo, disse Jesus à multidão: O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Depois dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas o homem não sabe como isso acontece. A terra produz fruto por si mesma: primeiro aparecem as folhas, depois a espiga e, por fim, os grãos enchem a espiga. Quando as espigas estão maduras, logo o homem mete a foice, porque chegou o tempo da ceifa. Jesus dizia ainda: A que podemos comparar o Reino de Deus? Que parábola podemos usar? O Reino é como uma semente de mostarda, que é a menor de todas as sementes da terra. Mas, quando é semeada, a mostarda cresce e torna-se maior que todas as plantas; dá ramos grandes, de modo que os pássaros do céu podem fazer ninhos na sua sombra. Jesus anunciava a Palavra usando muitas parábolas como esta, conforme eles podiam compreender. À multidão Jesus só falava em parábolas, mas, quando estava sozinho com os discípulos, Ele explicava tudo.

Lectio: O que diz o texto bíblico?

O evangelho deste dia insere-se naquele que é o primeiro grande discurso de Jesus em Marcos. Jesus expõe duas parábolas para esclarecer as condições em que se apresenta o reino de Deus. Faz o seu ensino e o anúncio do reino através de parábolas tiradas da vida quotidiana e, no evangelho de hoje, da vida no campo. A parábola da semente que se desenvolve por si até ao momento da ceifa, enquanto o camponês que a semeou parece desinteressado dela.

Meditatio: O que nos diz o texto bíblico?

A parábola do pequeníssimo grão de mostarda que, semeado, se torna a maior das plantas do horto realça o contraste entre a pequenez da semente e a grandeza da planta que ela produz.

A palavra de Deus mantém sempre uma fecundidade incomparável. Germina, cresce, faz-se árvore, dá fruto desde o pequeno. É assim que Deus quer atuar na nossa história. O reino de Deus requer a nossa parte, mas sem nos esquecermos que no seu desabrochar e crescer, está sobretudo a ação de Deus. A força do reino não vem daquilo que fazemos, nem depende das nossas obras. Deus opera incógnito, no mundo, mas com eficácia. Deus não deixa de infundir vida ao seu mundo, de levar a cabo a nova criação, mas conta connosco. Jesus dá-nos uma lição de confiança e de responsabilidade.

A parábola do pequeníssimo grão de mostarda pode ser também uma chamada de atenção a todos os crentes e sobretudo a nós consagrados: nada do que fazemos é pequeno; não podemos deixar de fazer alguma coisa porque nos parece que é pequeno ou que não valerá de nada, nem fará diferença em nada. Para construir o reino não faz falta só o que é grandioso. Somos chamados a semear a vida quotidiana de pequenos detalhes, porque o verdadeiramente grande é o realmente pequeno, insignificante aos olhos de muitos, mas com uma força interior capaz de transformar tudo pouco a pouco. Somos chamados a não desanimar mesmo que a semente demore a germinar e a dar fruto. O tempo que vivemos é o da paciência e da esperança ativa, não o da colheita, nem da paga....

As duas parábolas de Jesus neste evangelho colocam-nos frente ao essencial da nossa vida consagrada: realizar a missão confiada, para assim poder “dar fruto” desde o pequeno; ser sal e fermento no meio da massa do mundo.

O Senhor tem uma gramática diferente da nossa; a nossa quase sempre tem as marcas da tentação da eficácia e da quantidade dos resultados, o já, o agora...

Mas para o Senhor contam os pequenos gestos de solidariedade e partilha, que levam a marca dum coração compassivo, que olha, vê e atua...

O seu sonho, que quer que façamos nosso, é o de mudar o mundo através do Amor que colocamos em tudo o que fazemos na nossa vida.

Contemplatio: Que conversão de mente e coração nos pede o Senhor?

A nossa resposta orante a esta Palavra poderá muito bem ser a partir da que a liturgia nos propõe como aclamação ao Evangelho de hoje: *“Bendito sejas, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque revelastes aos pequeninos os mistérios do reino.”* (cf. Mt, 11,25)

À luz desta palavra que nos é oferecida, talvez o grande desafio para cada um de nós seja o de descobrir as sementes de bem que existem em cada um de nós, quais pequenos “grãos de mostarda” e de os podermos ir semeando na nossa vida diária, certos de que a seu tempo, e não no nosso, darão fruto.

Não poderá a parábola ser um convite à confiança no Senhor, depois de feita a nossa parte, preparando a terra e feito a sementeira?

Não estaremos chamados a sermos e fazermos o que podemos ser e fazer e confiar que Deus fará o que quiser com essa nossa entrega, tantas vezes a partir da nossa realidade frágil?

29 de janeiro | Marcos 4, 35-41

*Naquele dia, ao cair da tarde, Jesus disse aos seus discípulos: «**Passemos à outra margem do lago**». Eles deixaram a multidão e levaram Jesus consigo na barca em que estava sentado. Iam com Ele outras embarcações.*

Levantou-se então uma grande tormenta, e as ondas eram tão altas que enchiam a barca de água. Jesus, à popa, dormia com a cabeça numa almofada.

Eles acordaram-n'O e disseram: «Mestre, não Te importas que pereçamos?».

Jesus levantou-Se, falou ao vento imperiosamente e disse ao mar: «Cala-te e está quieto». O vento cessou e fez-se grande bonança.

Depois disse aos discípulos: «Porque estais tão assustados? Ainda não tendes fé?».

Eles ficaram cheios de temor e diziam uns para os outros: «Quem é este homem, que até o vento e o mar Lhe obedecem?».

Lectio: O que diz o texto bíblico em si mesmo?

O Evangelho fala-nos de uma travessia para uma outra margem. Da viagem, das condições da viagem e do modo como aqueles que viajam vivem esta travessia.

Encontramos um grupo de discípulos intranquilos por oposição a Jesus que descansa, sem que a agitação do exterior Lhe tire a tranquilidade. Apenas O desperta a aflição daqueles que com Ele viajam e O chamam.

Jesus desperta e, sem perder a calma, tranquiliza o mar e os discípulos e aproveita para lhes perguntar pela qualidade da sua fé ou, melhor, pela sua existência ou inexistência.

Jesus acalma a tempestade do mar, tranquiliza os elementos da natureza e desperta o coração dos discípulos para uma realidade que os abala e descoloca. De facto, pensavam que O conheciam, mas percebem que Ele é muito mais do que eles são capazes de abarcar.

Meditatio: O que nos diz o texto bíblico?

Passar à outra margem é um convite de iniciativa divina, para nos salvar das águas que tentam submergir-nos quando nos distanciamos do essencial!

Nesta viagem simbólica, que reflete a agitação e a dispersão em que tantas vezes vivemos, *Jesus vai à popa* – o lugar de comando da embarcação – ainda que não nos apercebamos da serenidade e da suavidade da sua condução, em pleno sono, a contrastar com a nossa agitação crescente!

Passar à outra margem não significa, necessariamente, deslocar-se para um lugar distante ou diferente daquele em que nos encontramos. As grandes viagens do homem são sempre interiores e intransitivas ... *Passar à outra margem* significa acertar o passo com Cristo, tomando consciência do momento presente e reaprendendo uma outra qualidade – para além das aparências, das exterioridades, das rotinas, dos automatismos e dos ritmos ofegantes da vida.

Trata-se de saborear o gosto das coisas simples e pequenas, na maturação do olhar, na abertura ao essencial, na adaptação a outras realidades e linguagens... Se nos iniciarmos nessa arte de imersão interior, aceitando o risco de saborear a vida com espanto, certamente esses momentos vão deixar impressões profundas e únicas na vastidão da nossa alma. A escuta de Deus, e a sintonia com o seu Projeto, dá-se no comum da vida, na banalidade dos tempos não produtivos, no minúsculo, no anti-heróico, no imprestável, e não no extraordinário, como tantas vezes ousamos crer!

Ao ver o mar acalmado, os discípulos enchem-se de medo! É a profissão de fé do Evangelista São Marcos, na divindade do Senhor – a admiração de quem reconhece em Jesus Aquele que é capaz de dominar e serenar todos os poderes e contratempos que ameaçam a nossa paz interior!

«Porque estais tão assustados? Ainda não tendes fé?» As perguntas é que nos salvam! Jesus, por norma, não responde diretamente aos discípulos; questiona-os, quase sempre!

As perguntas abanam-nos por dentro; e, por isso, preferimos refugiar-nos nas escapatórias do quotidiano, sem tempo para saborear a unidade fundamental que nos é dada pela pergunta que nos centra no essencial e dá densidade à história. As respostas têm um tempo de validade muito curto, precisam sempre de adequações. *“Ainda não tendes fé?”*

Contemplatio: Que conversão de mente e coração nos pede o Senhor?

- Procuo viver centrado no essencial: na caridade genuína, na fraternidade universal, nos bens perduráveis, na ecologia integral, ou deixo-me submergir por coisas secundárias, provisórias, caducas e relativas?

- Procuo aprofundar e esclarecer a minha fé, ou vivo agarrado ao credo – *a normas canónicas, questões disciplinares, regulamentos e preceitos ...* - **e deixo a fé?**

- Vivo à mercê das ondas e ao sabor da maré, ou sei nadar contra a corrente – do consumismo, do materialismo, do relativismo, do individualismo, da prepotência e do hedonismo?

«Passemos à outra margem do lago».

30 de janeiro | Lucas 4, 21-30

Naquele tempo, disse Jesus na sinagoga de Nazaré: Hoje cumpriu-se esta passagem da Escritura que acabais de ouvir. Todos aprovavam Jesus, admirados com as palavras cheias de encanto que saíam da sua boca. E diziam: Não é este o filho de José? Mas Jesus disse: Sem dúvida ireis citar-Me o provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo. Faz também aqui, na tua terra, tudo o que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum. E acrescentou: Garanto-vos que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria. De facto, digo-vos que havia muitas viúvas em Israel, no tempo do profeta Elias, quando não caiu chuva do céu durante três anos e seis meses e houve grande fome em toda a região. No entanto, a nenhuma delas foi enviado Elias, mas a uma viúva estrangeira, que vivia em Sarepta, na Sidónia. Havia também muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu. Apesar disso, nenhum deles foi curado, a não ser o estrangeiro Naamã, que era sírio. Quando ouviram estas palavras de Jesus, todos na sinagoga ficaram furiosos. Levantaram-se e expulsaram Jesus da cidade. Levaram-n'O até ao alto do monte, sobre o qual a cidade estava construída, com intenção de O lançarem no precipício. Mas Jesus, passando por meio deles, continuou o seu caminho.

Lectio: O que diz o texto bíblico?

A liturgia deste IV Domingo do Tempo Comum abre com o relato da vocação profética de Jeremias. Perante a afirmação “eu estou contigo”, Deus garante ao seu Profeta apoio permanente, mostra-lhe que o escolheu, consagrou, constituiu e lhe confiou uma missão. A missão de Jeremias destinava-se às nações pagãs, mas também a Judá, seus reis, sacerdotes e todo o povo. A todos, Jeremias comunica a Palavra do Senhor, tendo assim esta um alcance universal.

Na segunda leitura, Paulo aponta o amor (Agápê) como caminho, testemunho e meta a atingir. Mesmo que eu possua todos os bens e todos os dons, se não tiver amor, que é o testemunho a transmitir, de nada adianta. O necessário é mesmo viver o amor gratuito, universal e fraterno, que nos faz ser Igreja.

No Evangelho, Lucas narra que Jesus entrou na Sinagoga, levantou-se para fazer a leitura litúrgica dos Profetas (Isaiás) e sentou-se para fazer a instrução com base na Lei (Deuterónimo).

Jesus, com as Palavras da Escritura, assume-se como o Filho da Escritura. As gentes de Nazaré olham, num primeiro momento, este Jesus com apreço e admiração, mas rapidamente passam a uma atitude hostil para com ele, apontando-lhe outra “paternidade”: “Não é este o Filho de José?”; o que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum, faz também aqui na tua Pátria.

Jesus cita dois provérbios; “Médico, cura-te a ti mesmo” e “nenhum Profeta é bem aceite na sua Pátria”. Ele recorda-nos dois Profetas antigos, Elias e Eliseu, para mostrar que também eles nada fizeram para as gentes da Sua Pátria: Elias sai da sua Pátria para socorrer uma viúva de Sídon, e Eliseu cura o sírio de Naamã, um estrangeiro que o vem procurar na sua Pátria. Também Jesus saltará fronteiras e atenderá estrangeiros. Bem ao contrário, Israel e as gentes de Nazaré; cegos, não acolheram a Escritura de ontem como Palavra para eles. Hoje do mesmo modo, no Filho de José, não souberam ver o Profeta, aquele que, como a Escritura, traz a Palavra de Deus. Eles quebraram o laço de união entre o Filho e a Pátria ao expulsarem Jesus para fora da cidade.

Meditatio: O que nos diz o texto bíblico?

Como os habitantes de Nazaré, também nós deitamos fora os Profetas, dissipamos os encantos de Deus, impedimos o esplendor da Epifania do quotidiano. Insistimos em não reconhecer os Profetas de hoje, aqueles que moram junto da nossa porta.

Mas Jesus continua hoje a passar pelo meio de nós. Resta saber que atitude assumimos nós hoje. Retê-lo não é possível. Só podemos segui-l'O!

Contemplatio: que conversão de mente e coração nos pede o Senhor?

Que nos abramos aos enormes gestos de gratidão, de perdão, de solidariedade, aos Profetas humildes de rosto concreto. Dos Profetas que vivem a partir da Palavra e se deixam guiar pela mesma em fidelidade ao Senhor. Que resistências sinto em mim em reconhecê-l'O? Que lugares tenho dificuldade em perceber que Ele está?

31 de janeiro | Marcos 5, 1-20

Jesus e os seus discípulos chegaram à outra margem do mar, à região dos gerasenos. Logo que Jesus saiu da barca, um homem possuído por um espírito impuro saiu de um cemitério e foi ao seu encontro. Esse homem morava no meio dos túmulos e ninguém conseguia amarrá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes tinha sido amarrado com grilhões e correntes, mas rebentara as correntes e despedaçara os grilhões. E ninguém era capaz de o dominar. Dia e noite vagueava entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras. Vendo Jesus de longe, o endemoninhado correu, caiu de joelhos diante d'Ele e gritou bem alto: «Que há entre mim e Ti, Jesus, Filho do Deus altíssimo? Eu Te peço por Deus: não me atormentes!» O homem falou assim, porque Jesus tinha dito: «Espírito mau, sai deste homem!» Então Jesus perguntou: «Qual é o teu nome?» O homem respondeu: «O meu nome é "Legião", porque somos muitos». E pedia com insistência para que Jesus não o expulsasse da região. Havia ali perto uma grande vara de porcos, a pastar na montanha. Os espíritos maus suplicaram: «Manda-nos para os porcos, para que entremos neles». Jesus consentiu. Os espíritos maus saíram do homem e entraram nos porcos. E a vara - mais ou menos uns dois mil porcos - atirou-se pelo monte abaixo para dentro do mar, onde se afogou. Os homens que guardavam os porcos fugiram e espalharam a notícia na cidade e nos campos. As pessoas foram ver o que tinha acontecido. Ao chegarem junto de Jesus, viram o endemoninhado sentado, vestido e no seu perfeito juízo, ele que antes estava possuído pela Legião. E ficaram com medo. Os que tinham presenciado o facto explicaram às pessoas o que tinha acontecido com o endemoninhado e com os porcos. Então começaram a suplicar a Jesus para que Se retirasse do seu território. Enquanto Jesus entrava de novo na barca, o homem que tinha sido endemoninhado pediu-Lhe que o deixasse ficar com Ele. Jesus, porém, não deixou. E, em troca, disse-lhe: «Vai para casa, para junto dos teus, e anuncia-lhes tudo o que o Senhor, na sua misericórdia, fez por ti». Então o homem retirou-se e começou a apregoar pela Decápole tudo o que Jesus tinha feito por ele. E todos ficavam admirados.»

Lectio: O que diz o texto bíblico?

O Evangelho de hoje (Mc 5, 1-20) coloca-nos perante um dos ícones bíblicos mais belos da proximidade de Jesus aos marginalizados da sociedade do seu tempo. Aqui encontramos-l'Os a fazer-se próximo de um "endemoninhado", a ir às periferias. Jesus vai "à outra margem" e ali um homem "possuído por um espírito impuro" aproxima-se, pedindo a Jesus que Se afaste. Em Jesus encontramos o rosto e os gestos de Deus. Deus acolhedor e sanador que se interessa apaixonadamente pelos débeis do seu povo desafiando e vencendo as forças ameaçadoras do poder e do mal que os marginalizam.

Jesus aproxima-Se, vai à outra margem e entende a importância de aproximar-se de alguém de quem todos se afastavam, dando-lhe condição de reintegrar-se pessoal e comunitariamente. Ainda que só tenha feito o bem, os cidadãos daquele lugar pedem-lhe que o abandone, enquanto aquele que havia sido curado pede-lhe para O seguir.

Só aquele que foi encontrado por Jesus e se encontrou com Ele percebeu e desejou acolher quem verdadeiramente é Jesus.

Meditatio: O que nos diz o texto bíblico?

Jesus vem para os que se reconhecem doentes, frágeis, debilitados, vulneráveis. Isto dá-nos confiança para nos expormos diante d'Ele, na nossa vulnerabilidade, sem máscaras, como mulheres e homens que precisam realmente que Ele se compadeça de nós. Na sua exortação apostólica

Evangelii Gaudium, o Papa Francisco refere que “nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia” (EG 3). É este Encontro que é sempre regenerador, que nos permite renovar a aliança de amor que um dia Jesus estabeleceu com cada um e cada uma de nós. Necessitamos deste encontro com Jesus para vivermos a nossa consagração com alegria e radicalidade.

No ano da vida consagrada, o Papa Francisco desafiou-nos a não ter medo da consolação do Senhor (cf. EG 3), e a recordar que, ao chamar-nos, Deus diz-nos: “És importante para mim, Eu amo-te; conto contigo”. Jesus diz isto a cada um de nós! Daqui nasce a alegria! A alegria do momento no qual Jesus olhou para mim. Compreender e sentir isto é o segredo da nossa alegria. Sentir-se amado por Deus, sentir que, para Ele, nós não somos números, mas pessoas; e sentir que é Ele que nos chama (cf. *Alegrai-vos*, n. 4).

Somos convidados a agradecer a Deus o dom da vocação e a pedir-Lhe que nos ajude a responder-Lhe em fidelidade. Jesus conta connosco para colaborarmos na sua Obra da Redenção.

A nós, Consagrados, recordo o apelo do Papa Francisco no Ano da Vida Consagrada: “não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar (...) prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes a Boa Nova. Encontrareis a vida dando a vida, a esperança dando esperança, o amor amando”.

Contemplatio: Que conversão de mente e coração nos pede o Senhor?

Jesus é Mestre do encontro. “Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria” (EG 3). O encontro com a misericórdia de Jesus transforma-nos em fonte de alegria, de serenidade e de paz...

Como me predisponho a encontrar-me com os meus irmãos, as minhas irmãs?

Como me predisponho a encontrar-me com aqueles que encontro nas “margens” ou até na outra margem? Nas periferias existenciais? Entro na barca que me permite atravessar o lago da distância? Que barca é essa que me aproxima do outro? Sou fonte de cura?

1 de fevereiro | Marcos 5, 21-43

“Não temas, crê somente”

Depois de Jesus ter atravessado, no barco, para a outra margem, reuniu-se uma grande multidão junto dele, que continuava à beira-mar. Chegou, então, um dos chefes da sinagoga, de nome Jairo, e, ao vê-lo, prostrou-se a seus pés e suplicou instantemente: «A minha filha está a morrer; vem impor-lhe as mãos para que se salve e viva.» Jesus partiu com ele, seguido por numerosa multidão, que o apertava.

Certa mulher, vítima de um fluxo de sangue havia doze anos, que sofrera muito nas mãos de muitos médicos e gastara todos os seus bens sem encontrar nenhum alívio, antes piorava cada vez mais, tendo ouvido falar de Jesus, veio por entre a multidão e tocou-lhe, por detrás, nas vestes, pois dizia: «Se ao menos tocar nem que seja as suas vestes, ficarei curada.» De facto, no mesmo instante se estancou o fluxo de sangue, e sentiu no corpo que estava curada do seu mal. Imediatamente Jesus, sentindo que saíra dele uma força, voltou-se para a multidão e perguntou: «Quem tocou as minhas vestes?» Os discípulos responderam: «Vês que a multidão te comprime de todos os lados, e ainda perguntas: ‘Quem me tocou?’» Mas Ele continuava a olhar em volta, para ver aquela que tinha feito isso. Então, a mulher, cheia de medo e a tremer, sabendo o que lhe tinha acontecido, foi prostrar-se diante dele e disse toda a verdade. Disse-lhe Ele: «Filha, a tua fé salvou-te; vai em paz e sê curada do teu mal.» Ainda Ele estava a falar, quando, da casa do chefe da sinagoga, vieram dizer: «A tua filha morreu; de que serve agora incomodares o Mestre?» Mas Jesus, que surpreendera as palavras proferidas, disse ao chefe da sinagoga: «Não tenhas receio; crê somente.» E não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Ao chegar a casa do chefe da sinagoga, encontrou grande alvoroço e gente a chorar e a gritar. Entrando, disse-lhes: «Porquê todo este alarido e tantas lamentações? A menina não morreu, está a dormir.» Mas faziam troça dele. Jesus pôs fora aquela gente e, levando consigo apenas o pai, a mãe da menina e os que vinham com Ele, entrou onde ela jazia. Tomando-lhe a mão, disse: «Talitha qûm!», isto é, «Menina, sou Eu que te digo: levanta-te!» E logo a menina se ergueu e começou a andar, pois tinha doze anos. Todos ficaram assombrados. Recomendou-lhes vivamente que ninguém soubesse do sucedido e mandou dar de comer à menina.

Lectio: O que diz o texto bíblico em si mesmo?

O Evangelho apresenta-nos duas narrativas onde Jesus é a personagem principal da ação. A pretensão de Marcos consiste em mostrar que a multidão se sente atraída pela pessoa Jesus, sendo que é n’Ele que intuem encontrar a razão das suas preocupações e esperanças.

É neste contexto que surge Jairo, procurando em Jesus recuperar a vida da filha que se encontra no seu leito de morte. É também nestas circunstâncias que aparece uma mulher sem nome e “vítima de um fluxo de sangue” (Mc.5,25), cuja fé a impele a tocar na orla do manto de Jesus, acreditando que com isso obteria a cura. Jesus é a resposta para todas as preocupações e ânsias pois, como enviado do Pai, n’Ele e através d’Ele, a saúde, a vida e a salvação nos é restituída.

Jairo na sua aflição de pai, frente à iminência de perder a vida da filha, confia que Jesus o pode ajudar. Por amor à filha prostra-se reconhecendo em Jesus aquele que salva. O coração de Jesus comove-se com entranhas de misericórdia de Pai e inicia o caminho em direção à casa de Jairo, manifestando assim a força da ação salvadora de Deus. Com a mesma fé e confiança ousada e humilde, a mulher que sofria de fluxo de sangue foi capaz de se aproximar de Jesus, de O tocar na esperança de ser liberta do seu sofrimento. A sua atitude humilde e de prostração sensibilizou Jesus que lhe devolveu não só a dignidade, mas a confirmou na fé, virtude esta que lhe possibilitou a cura.

Meditatio: O que nos diz o texto bíblico?

Esta passagem bíblica remete-nos ao núcleo central da nossa fé. Jesus fonte de toda a vida requer da nossa parte reconhecer e crer que Ele é verdadeiramente a Vida em plenitude.

Podemos reconhecer 3 pontos centrais com que o texto nos confronta: o **amor à verdadeira Vida; a fé confiante e ousada; e o toque que salva e restitui a Vida.**

Podemos dizer que, bem no fundo do coração, todos nós cultivamos e buscamos a vida, isto é, temos **Amor à vida.** Por isso, ao confrontar-nos com este texto reconhecemos que é necessário parar e perguntar-nos: como olho para a vida? E como a cuido? A situação em que vivemos de pandemia do Covid-19, despertou e aumentou a consciência do valor da vida assim como do seu cuidado. Como crentes somos chamados a cultivar junto de Jesus a arte de viver, pois Ele é a Vida.

O Evangelho diz-nos que a fé em Jesus não é estática, é **dinâmica, confiante, humilde, ousada e impele à coragem.** Na sua condição de chefe de sinagoga, Jairo reconheceu que estava diante de alguém que é digno de ser adorado, prostrou-se a Seus pés na confiança de obter a graça de cura da filha: *“vem impor-lhe as mãos para que se salve e viva”*. O amor à vida é que move este pai, que confia na ação de Jesus.

Como Jairo também hoje a Igreja tem a missão de ser intercessora através da oração e ação porque Jesus quer continuar a impor as mãos e manifestar a cura através dos seus ministros, sacramentos e em todos aqueles que Ele chama confia e envia.

O chamado e enviado é aquele que toca Jesus e se deixa olhar na sua realidade com todas as enfermidades que possa ter. Contemplar a figura da mulher, enunciada nesta passagem, faz refletir no desejo de ser curados que há em nós e nos medos ou vergonhas que nos podem impedir de mostrar-nos a Jesus tal como somos.

Jesus vem ao encontro de cada realidade humana por mais difícil ou desagradável que seja. Ele pergunta *“quem tocou as minhas vestes?”* A mulher queria passar despercebida, mas Jesus ao sentir-se tocado, não fica indiferente, olha à Sua volta para encontrar quem O tocou, pois Ele queria devolver-lhe a dignidade de filha. Jesus mostra-nos que aos olhos de Deus ninguém passa despercebido. Sim! Todos somos preciosos aos Seus olhos.

Contemplatio: Que conversão de mente e coração nos pede o Senhor?

Ainda hoje Jesus quer aproximar-se de nós e diz *levanta-te!* Isto é, sai das tuas obras, atitudes, palavras e pensamentos que te levam à morte e acolhe a vida que te ofereço por amor. Levanta-te, supera os teus medos aproxima-te de mim vales muito mais do que as tuas enfermidades, crê somente.

Num mundo em que se exprime de variadas maneiras a cultura do descarte como afirma o Papa Francisco, a Igreja apoiada na oração é chamada a ser presença de Jesus que com amor restitui a vida, é desafio para cada crente defender a vida na sua integridade para o bem e desenvolvimento humano.

Disponho-me a pedir-lhe a cura? E quando peço creio realmente n'Ele? Reconheço que é Ele o Senhor da história? Reconheço que o que me quer dar, muitas vezes, pode não corresponder às minhas expectativas e posso até nem perceber esse dom?

2 de fevereiro | Lucas 2, 22-40

Quando se completaram os dias para a purificação da mãe e do filho, conforme a lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, a fim de apresentá-lo ao Senhor. Conforme está escrito na lei do Senhor: "Todo primogênito do sexo masculino deve ser consagrado ao Senhor". Foram também oferecer o sacrifício - um par de rolas ou dois pombinhos - como está ordenado na Lei do Senhor.

*Em Jerusalém, havia um homem chamado Simeão, o qual era justo e piedoso, e esperava a consolação do povo de Israel. O Espírito Santo estava com ele e lhe havia anunciado que não morreria antes de ver o Messias que vem do Senhor. **Movido pelo Espírito, Simeão veio ao Templo.** Quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprir o que a Lei ordenava, Simeão tomou o menino nos braços e bendisse a Deus: "Agora, Senhor, conforme a tua promessa, podes deixar teu servo partir em paz; porque **meus olhos viram a tua salvação**, que preparaste diante de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória do teu povo Israel".*

*O pai e a mãe de Jesus estavam admirados com o que diziam a respeito dele. Simeão os abençoou e disse a Maria, a mãe de Jesus: "**Este menino vai ser causa tanto de queda como de ressurgimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição.** Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações. Quanto a ti, uma espada te traspassará a alma".*

Havia também uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Era de idade muito avançada; quando jovem, tinha sido casada e vivera sete anos com o marido. Depois ficara viúva, e agora já estava com oitenta e quatro anos. Não saía do Templo, dia e noite servindo a Deus com jejuns e orações. Ana chegou nesse momento e pôs-se a louvar a Deus e a falar do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém.

Depois de cumprirem tudo, conforme a Lei do Senhor, voltaram à Galileia, para Nazaré, sua cidade. O menino crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele.

Lectio: O que diz o texto bíblico?

Neste evangelho Lucas revela-nos Jesus nos diferentes aspectos da encarnação. Jesus, por mediação de José e Maria, integra a observância à lei do seu tempo. Como todos os meninos obedece ao ritual da Apresentação e do sinal da oblação, representado na oferta do sacrifício. Mas logo aqui, na vida comum, sinais alheios ao comum se revelam. Alguém reconhece em Jesus aquele que não é como os outros meninos que eram apresentados. São pessoas de idade avançada, integrada a sabedoria do tempo e dos sinais não evidentes. Não são pessoas dos grandes do Templo, dos dirigentes políticos ou de renome. São dois anciãos: um homem e uma mulher. Um e outro, em algum momento das suas vidas, consagraram a sua vida ao Senhor. São eles, gente comum, quem revela a José e Maria algo da grandeza do Filho que levam a apresentar ao Templo.

Meditatio: O que nos diz o texto bíblico?

O evangelho coloca diante de nós como que, a encarnação da "Lei e os Profetas". José e Maria com o Menino que cumprem e actualizam a Lei, trazendo o Menino ao Templo para o apresentar; Simeão e Ana que vêm ao Templo para O reconhecer e O revelar.

A um mesmo tempo, Templo e o Menino são o centro da narrativa. O centro da vida de um casal com seu filho e o centro da vida de dois anciãos que esperam Aquele que está para vir.

Muitos meninos terão passado ali, no Templo, enquanto Simeão e Ana tinha ali centradas as suas vidas, à espera. No entanto, e por nada aparentemente diferente, do comum dos meninos, n'Aquele

é reconhecido algo não descrito que leva Simeão a exclamar: “meus olhos viram a salvação”. O Espírito, que o conduziu naquele dia até ao Templo, terá sido aquele que lhe terá revelado que aquele menino, no meio de tantos era o “esperado”.

Esta sensibilidade à passagem do Espírito vivida por Simeão e Ana pode ser para mim/nós essa interrogação: reconheço-O quando passa? Reconheço-O quando está diante de mim disfarçado no comum, oculto no quotidiano? Talvez Deus gosta de Se revestir de fragilidade e fazer-Se encontrar pelos mais frágeis que, pela sua indigência, têm um olhar mais livre, mais atento e mais disponível para O reconhecer como Se revela.

Contemplatio: Que conversão de mente e coração nos pede o Senhor?

Como consagrada/consagrados que conversão me/nos pede o Evangelho deste encontro?

Talvez nos chame a fazer o exercício de dar espaço às surpresas de Deus... José e Maria são surpreendidos pelo acolhimento que o “seu” menino recebe naquele ritual comum. A significatividade do comum talvez seja aí que Ele nos chama a descobri-l’O... um desafio à fé purificada de pré-juízos que nos dão alguma segurança aparente, mas nos impedem de ver e exclamar com a intensidade de Simeão: “meus olhos viram a Tua salvação”. E do meio desta “salvação” reconhecida e anunciada, Maria recebe algo também para si... “uma espada te trespassará a alma”.

Encontrar Deus na perplexidade, naquilo que hoje pode não ter grande sentido, mas que um pouco à frente se revelará, a seu jeito e no seu tempo... um desafio à fé.